

A OUTRA FACE DO ESPELHO

Ester Chaves

Assim ela era (...) capaz de escutar no silêncio os rumores de um futuro incerto, a batida estridente de uma aprendizagem. Não acreditava em castigos. Se a vida lhe oferecia uma bofetada ou um escorregão, tomava logo como advertência e nada mais. Segundo ela, Deus não punia os seus filhos, apenas os aconselhava com serenidade. Se as coisas ruins aconteciam era por culpa exclusiva dos homens. Os projetos inventados por eles eram originariamente imperfeitos. Perfeito mesmo era Deus, pleno em sua eterna bondade. Mesmo sendo filho de Deus, o homem era um projeto menor, um plano secundário que poderia ou não dar certo. Cair e tentar incansavelmente era o legado do homem, e Deus sendo Pai, às vezes o ajudava a levantar, corrigia o percurso e sinalizava o perigo. Outras vezes, a ousadia do homem custava caro, e nessas horas Deus não se intrometia...

Sozinha no quarto, a mulher se recompunha, olhava o tecido branco dos lençóis e sentia-se totalmente vazia, numa incompletude que não chegava a ser trágica, mas era o início de uma saudade. “Saudade de quê?” A resposta aparecia no escuro, quando as luzes todas se apagavam e o marido embriagado dizia palavras desconexas. No fundo, ela sabia onde era o nascedouro da saudade, e mesmo tendo certeza, sabia também que a alegria descomedida nunca lhe ocorreria, nem sequer discretamente. A luz do abajur escorria sorrateira, projetava sombras nas paredes descascadas. O esboço da mulher nas paredes dava uma dimensão confusa do que ela era por fora, nunca lhe ocorreria a ideia de pesquisar-se inteiramente por dentro, atravessar os corredores escuros, promover incursões pelos labirintos de si mesma, tinha receio de não voltar...

Quando pensava em si, costumava escrever o nome num papel branco, confirmava nas letras o que ela não compreendia olhando no espelho, era como um endereço que não batia. Parecia uma nódoa, uma mancha indissolúvel no mundo. Uma substância com um nome, isso que ela era. Não cabia na extensão de seu próprio nome... e isso lhe causava um estranho desconforto. Como um nome tão pequeno poderia conter o que ela era e o que ela não era? Naquele nome o mundo todo fazia sentido, poderia se fundir e acabar se ela não mantivesse tudo em segredo. Tudo que ela vira até então, só era possível porque ela era surpreendentemente alguma coisa no mundo e mesmo não sabendo exatamente o quê, trazia camufladas em seu nome as mesmas propriedades das coisas que invariavelmente são. Sabia que Deus a queria no mundo e por isso lá estava, oscilante como uma bandeira ao vento. Talvez numa árdua empreitada. Talvez

envolvida discretamente nas bordas de um doce mistério. O resto das coisas ela simplesmente descobriria vivendo, mesmo que para isso houvesse sacrifícios...

Os dias se passavam sorrateiros, embebidos numa ávida fumaça de harmonia, e se nada acontecia, a mulher abandonava-se ao delírio, e como não passava de todo para o outro lado, conservava-se à margem primeira das indagações fortuitas. Escrevia o nome diversas vezes no papel, a letra redonda avançava incólume ganhando o inexplorado terreno. A mão ia e vinha no pleno exercício de invadir territórios. A instabilidade da caligrafia a irritava, e aos poucos, ela ia descobrindo na inusitada atividade uma forma de continuar procurando em seu nome vestígios de sua desconhecida natureza. Nos últimos dias, havia feito análises, conjecturas, comparações com a assinatura dos meses anteriores, e notara como a escrita se estabelecera e ganhara vigor no papel.

Do lado avesso da folha, notavam-se nitidamente os progressos, as ondulações promovidas pela sutileza do pequeno nome e pela segurança do traçado propiciavam o surgimento de uma nova escrita. Talvez a aparição de outro nome, cheio de arabescos, constatação que a fizera recuar com cautela. De quando em quando, assaltava-lhe um pensamento mórbido. A mulher imaginava-se morrendo à beira do rio... (?) era quando se estremecia por inteiro, a simples ideia da morte lhe ocorria inoportunadamente. Calafrios lhe subiam pelo corpo. Uma lágrima dependurava-se titubeante num canto do olho. Se em tudo havia em uma cláusula vital, uma reciprocidade, uma confraternização esquisita, se as coisas fluíam sem explicação nos espaços vazios, brotavam lodosas nos muros mal pintados, por que então existia a morte? A fissura na existência... Quem a inventara? Tanta correria e os dias se esvaziavam como balões furados. O entardecer apresentava-se como um prenúncio apocalíptico. A casa toda ruía em segredo. E ela que acreditava em Deus, desferia suas preces aos céus, agradecia toda humildezinha aos milagres de não sei o quê, anoitecia com o rubor das estrelas e sonhava exaustivamente com o dia em que a felicidade lhe sorriria...

As rotinas demarcadas também tinham um preço... algumas coisas ela bem que sabia, espirituosa e de energia boa, guardava para si o mistério das ostras. A vida evoluía secretamente ao seu redor, e ela seguia realizando as tarefas cotidianas. O café do marido deveria conter a essência dos grãos mais fortes, com o açúcar acrescido na medida exata. Ainda assim, o homem reclamava, dizia-se insatisfeito com ela. “Isto e aquilo não está bom”. Era quando iniciavam os sermões; a enumeração das responsabilidades da mulher no casamento vinha primeiro, depois as críticas sobre o tempero, a cor das cortinas, as miniaturas das quais ela tanto gostava, as canções que ela escutava com a alma cheia de enlevos, os vestidos coloridos que ela extraía das revistas, os scarpins, as mobílias etc. A mulher dava de ombros, ignorava o comportamento repulsivo do marido, flagrava no espelho convexo sua imagem desfalecida, não sabia em qual dos reflexos abandonara sua alegria. Seu casamento sempre fora terreno sólido, e ela pisava com os

dois pés, como Gagarin no espaço. “Vinte anos!” Exclamava dentro de si, e ouvia a sua própria voz em ecos apavorados. “Vinte anos!”

...

Naquele dia, o homem ao seu lado dissera o “sim” dotado de uma alegria quase trágica. O mal-estar do noivo crescia abruptamente a cada instante do matrimônio. O padre que previra o pior, apressara-se em resolver da melhor forma aquela indesejada situação. Sem meandros, conduzira a cerimônia até o fim, temendo sempre o princípio de uma derrocada. E assim foi, depois de recolhidas as assinaturas ninguém mais poderia revogar os pormenores daquele belo fracasso. Desde então, a mulher passara a viver sob os domínios daquele homem rude, cujos caprichos extrapolavam os limites do bom senso.

Os dias tornaram-se nublados, e sem se dar conta, a mulher fora perdendo o melhor de si. Em vão procurava nos espelhos convexos a sua imagem anterior. Tudo que conseguia era ver apenas um tímido esboço do que outrora havia sido. Sentia saudade do tempo em que, parada diante de uma flor, tinha nos olhos o espanto do mundo inteiro. Agora, ouvia os sons do mundo chegarem aos seus ouvidos como baques surdos. Observava pelas frestas os dias escoarem pesados, dotados de um enorme ponto de interrogação...

Ainda assim, a mulher tinha intacta a sua fé. Deus ainda era Deus, e isso bastava. Ela, projeto inferior, ainda em fase de evolução estava fora da estatística divina. Era alguma coisa perto do nada. Um abalozinho cínico, desses que não provocam sequer uma pequena tragédia. Mas havia a hora em que tudo parecia conspirar. Sozinha, a mulher podia concentrar-se toda em si mesma. As coisas que antes pareciam anuladas pela repetição dos dias, agora vinham até ela como charadas sem solução. Pelo ir e vir dos passos em fuga, a mulher desaprendera a pisar em terreno sólido. Agora tinha diante de si somente os espaços vazios, as lacunas intermitentes. Os vãos por onde os ratos transitavam para ganhar o quintal era também o local onde ela enfiava os olhos para enxergar o que se passava do outro lado da rua. As horas em que passava diante de si eram as mais difíceis. Os espelhos denunciavam as incongruências de sua personalidade. Sem as sombras e os relevos do homem poderia então se aproximar, olhar mais de perto. (Era mesmo real o que via?) Entre o espanto de quem vê algo totalmente impossível e a constatação da corporalidade do mistério, a mulher enxergava nos espelho a representação caleidoscópica dos abismos. Via o que via? Ou era mais um delírio “post-scriptum”? (...)

A vida inteira ela havia ensaiado para um instante revelador, e mesmo não sabendo quando se daria, continuava a esperar fervorosamente como quem espera um milagre. Escrevia o nome para comprovar que não era só substância. Que aquela não era somente a fisionomia de um corpo, mas a fisionomia de uma alma... Todas as letras do pequenino nome confluíam e desembocavam no que ela era. E isso não

soava mais como uma certeza. Havia o mistério. As longas horas em que a vida passara lhe sugando a seiva era apenas instantes fugidios. Haveria outros e mais outros. “Mistério por mistério, desvendai!” Tal qual o espanto causado pela “Máquina do Mundo”, ali estava ela de mãos vazias. Sem discernimento de nada, estupefata. O mundo parecia imóvel. Uma bolha parada no ar. A mulher tinha agora diante de si os reflexos das ausências, a materialização de suas perdas cotidianas. De que adiantara a obediência servil ao homem, se agora tinha diante de si um mistério do qual não poderia se livrar? (...) Foi assim, despida de qualquer receio, que avançou contra o espelho e o quebrou em pedaços incalculáveis. Os fragmentos reproduziam a face oculta do NADA e suas bifurcações vertiginosas. Entre as fendas e os desertos suspensos, a mulher viu de relance as intermitências de sua alma (...) ao longo de um caminho denso, descobriu o seu lugar... Caminhou até aonde não se podia definir o real do imaginário, até que deixou na estrada apenas o vulto de sua existência...

ⁱ Faço referência ao poema “A Máquina do Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade. Conferir ANDRADE, Carlos Drummond de. “A Máquina do Mundo”. In: *Claro Enigma*. Rio de Janeiro. Record, 2001. p. 127-131

Ester Chaves é uma escritora brasileira. Graduada em Letras pela Universidade Católica de Brasília e Pós-graduada em Literatura Brasileira pela mesma instituição. Atuante na vida cultural da cidade, participou de vários eventos poético-musicais. Já teve textos publicados em jornais e revistas. Em junho deste ano, teve o conto “Os Voos de Josué” selecionado na 1ª edição do Prêmio VIP de Literatura, da A.R Publisher Editora. É colunista nos sites “CONTI outra, artes e afins”, “A Soma de Todos os Afetos”, “Escritos Meus” e “Fãs da Psicanálise”.